

FUNDAMENTOS DE PSICOLOGIA ANALÍTICA AS CONFERÊNCIAS DE TAVISTOCK, LONDRES-1935.

SEGUNDA CONFERÊNCIA

(JUNG, C.G. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 2001, volume XVIII/1).

Dr. J. A. Hadfield (Presidente)

[74] Senhoras e senhores, já fomos apresentados ao Prof. Jung e do modo mais elogioso possível, mas creio que todos, que estivemos presentes à última palestra, sabemos que tais referências não são exageradas. O Prof. referiu-se às funções da psique humana: sentimento, pensamento, intuição e sensação. Não pude deixar de sentir que nele, ao contrário do que afirmou, essas funções estão totalmente diferenciadas. Também tive uma "impressão", a revelar-me que todas as suas funções se encontram unidas ao centro por um grande senso de humor. Nada consegue convencer-me da verdade de uma determinada concepção do que a tranquilidade de seu criador em abordá-la sem excessiva seriedade. Foi o que fez na noite passada o Professor Jung. Seriedade excessiva ao considerar determinado assunto deve-se sempre ao fato de a pessoa não estar muito convicta do que deseja demonstrar.

Prof. Jung

[75] Senhoras e senhores, ontem abordamos as funções da consciência, e hoje desejo terminar esse tópico relacionado com a estrutura da mente. A discussão não estaria completa, se nela não incluíssemos a existência dos processos inconscientes. Permitam-me resumir brevemente as reflexões surgidas na noite passada. Não se pode lidar diretamente com os processos inconscientes por serem eles dotados de uma natureza inatingível. Não são imediatamente adaptáveis, revelando-se apenas através de seus produtos, pelos quais inferimos que deve existir uma fonte que os produza. Essa esfera obscura é denominada inconsciente.

[76] Os conteúdos ectopsíquicos da consciência derivam-se, em primeiro lugar, do ambiente, e são recebidos através dos sentidos. Além disso, também provêm de outras fontes, como a memória e os processos de julgamento, que pertencem aos setores endopsíquicos. Uma terceira fonte de conteúdos conscientes seria o lado obscuro da mente: o mundo inconsciente. Conseguimos uma aproximação e relacionamento com este mundo através das propriedades das funções endopsíquicas, as funções que não se encontram sob o domínio da vontade. São o veículo através do qual os conteúdos inconscientes atingem a superfície da inconsciência.

[77] Apesar de os elementos inconscientes não serem diretamente observáveis, podemos classificar seus produtos, que atingem os domínios da consciência, em duas espécies: a primeira contém material reconhecível, de origem definidamente pessoal; são aquisições do indivíduo ou produtos de processos instintivos que completam, inteiram a personalidade. Há ainda os conteúdos esquecidos ou reprimidos, mais os dados criativos. Nada existe de natureza particular, em tais fatores. Em outras pessoas, os elementos a que nos estamos referindo podem ser conscientes; muita gente está consciente de coisas que outras ignoram. Dei a essa classe de dados o nome de mente **subconsciente** ou **inconsciente pessoal**, porque, dentro dos limites do nosso julgamento, creio ser tal camada inteiramente composta de elementos pessoais e componentes da inteireza da personalidade humana.

[78] A seguir, há uma outra classe de dados, cuja origem é totalmente desconhecida, ou pelo menos, tais fatores têm origem que não pode em hipótese alguma ser atribuída a aquisições individuais. Sua particularidade mais inerente é o caráter mítico. É como se pertencesse à **humanidade em geral**, e não a uma determinada psique individual.

[79] Ao defrontar-me pela primeira vez com tais elementos, perguntei-me se sua origem não era hereditária e acreditei que pudessem ser explicados através da herança racial. A fim de esclarecer este problema, fui para os Estados Unidos estudar os sonhos dos negros de raça não-misturada, e cheguei à conclusão de que tais imagens não têm nada a ver com o problema de sangue ou de herança racial. E também que tais fatores não são adquiridos pelo indivíduo. São próprios do humano, sendo, pois, de natureza **coletiva**.

[80] Dei o nome de **arquétipos** a esses padrões, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho¹: Arquétipo significa um "Typos" (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra **motivos mitológicos**, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore. Alguns desses motivos mais conhecidos são: a figura do herói, do Redentor, do dragão (sempre relacionado com o herói, que deverá vencê-lo), a baleia ou o monstro que engole o herói.²

[81] Outra variação desse mito do dragão é a *Katábasis*, a Descida no Abismo, ou *Nekyia*. Os senhores se lembram da Odisséia, quando Ulisses desce *ad inferos* para consultar Tirésias, o Vidente. O mito do *Nekyia* encontra-se em toda a Antigüidade e praticamente no mundo todo. Expressa o mecanismo da introversão da mente, do consciente em direção às camadas mais profundas da psique inconsciente. Desse nível derivam conteúdos de caráter mitológico ou impessoal, em outras palavras, os arquétipos e denominiei-os *inconsciente coletivo* ou *impessoal*.

[82] Com relação a esse ponto, posso traçar apenas um esboço mínimo, mas é possível dar aos senhores um exemplo de seu simbolismo e de como procedo para discriminá-lo do inconsciente pessoal. Na América, quando de minha investigação sobre o inconsciente dos negros, tinha em mente esse problema particular: são tais matrizes coletivas herdadas racionalmente, ou serão elas "a priori" categorias da imaginação como dois franceses, Hubert e Mauss²³, a denominaram, independentemente de meu trabalho sobre o mesmo problema. Um negro contou-me o sonho em que surgia a figura de um homem crucificado sobre uma roda.²⁴ Não vem ao caso relatar o sonho todo. Evidentemente, continha alusões a fatos pessoais, bem como elementos de significação impessoal, mas dele recolhi apenas o motivo que mencionei há pouco. Era um negro do Sul, sem cultura nem inteligência que particularmente se destacasse. Seria bem mais provável, dado o caráter religioso dos negros, que o negro tivesse sonhado com um homem crucificado numa cruz. A cruz seria uma aquisição pessoal. Mas a crucifixão numa roda é bem mais improvável no seu contexto cultural. Trata-se de imagem bastante incomum. É evidente que não posso provar que, por alguma coincidência, o homem não tenha visto alguma gravura, ou ouvido alguma coisa que, mais tarde, o levara a sonhar com essa figura; mas caso não tenha acontecido nada disso, estaremos diante de uma *imagem arquetípica*: o motivo mitológico da crucificação sobre a roda. É a velha roda do Sol, e o sacrifício propiciatório se dirige ao Rei Sol, da mesma forma que sacrifícios humanos e de animais eram oferecidos para a fertilidade da terra. A roda do Sol é uma idéia arcaica, talvez a idéia religiosa mais velha de que se tenha conhecimento. Podemos atribuí-la às eras mesolítica e paleolítica, como o provam esculturas da Rodésia. A roda realmente só apareceu na idade de bronze; no paleolítico ainda não fora inventada. A roda do Sol rodesiana parece ser contemporânea de pintura de animais muito naturalísticos, tais como o famoso rinoceronte e os caracaraís, obra-prima de observação. A roda do Sol rodesiana é, portanto, uma visão original, provavelmente a imagem solar arquetípica.²⁵ Mas tal imagem não é naturalística, pois se encontra sempre dividida em quatro ou oito partes.

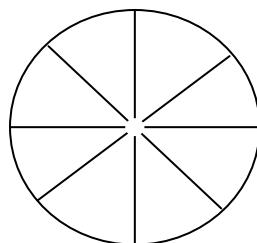


Fig. 3 - A Roda do Sol

¹ Cf. C. W. vol. 9, in *The Archetypes and The Collective Unconscious*.

² Cf. *Psychology of the Unconscious* ou *Symbols of Transformation* (C. W., vol. 5).

²³ Henri Hubert e Marcel Mauss, *Mélanges d'histoire des religions*, p. XXIX.

²⁴ Cf. *Symbols of Transformation*, par. 154.

²⁵ Cf. *Psychology and Literature* (C.W., vol. 15) par. 150; "Psychology and Religion" (C. W., vol. 11) par. 100, e "Brother Klaus", par. 484. A documentação das "rodas do sol" rodesianas não foi possível, embora tais figuras entalhadas em pedra tenham sido encontradas em Angola e África do Sul: cf. Willcox, *The Rock Art of South Africa*,

fig. 23. Há dúvidas quanto à data. A pintura "o rinoceronte e os caracaraís" é procedente do Transvaal e está no museu de Pretória; descoberta que foi em 1928, teve grande repercussão.

[82] Essa esfera de centro dividido é um símbolo que pode ser encontrado ao longo de toda a história da humanidade, bem como nos sonhos dos indivíduos que vivem no mundo atual. Podemos presumir que a invenção da roda originou-se mesmo nesta visão. Muitos de nossos inventos se originam de antecipações mitológicas e de imagens primordiais. A arte da alquimia é a mãe da química moderna. Nossa mentalidade científica partiu da matriz de nossa mente inconsciente. No sonho em questão, o homem sobre a roda é a repetição do motivo mitológico grego de *Íxion*, que, por causa de suas ofensas aos homens e aos deuses, fora por Zeus amarrado numa roda que girava sem cessar. Dei-lhes esse exemplo apenas para ilustrar e tornar mais concreta a idéia do inconsciente coletivo. Um único exemplo não pode, evidentemente, ser prova cabal e conclusiva. Mas também não podemos imaginar facilmente que esse negro tenha estudado mitologia grega, e é também muito improvável que tenha visto gravuras a ela relativas. E além disto, figurações de mitos de *Íxion* são bastante raras.

[83] Poderia dar-lhes provas mais definitivas, para afirmar a existência de tais embasamentos mitológicos. Mas, para apresentar um material desse tipo, precisaria dar conferências durante uma quinzena. Inicialmente, deveria explicar aos presentes o significado de sonhos e de séries de sonhos, traçar todos os paralelos históricos e explicar a importância de tudo isso, pois o simbolismo e o significado de tais idéias e imagens não entra em nenhum programa de universidade e mesmo especialistas raramente estão informados a esse respeito. Tive que estudar um vasto material durante anos a fio, sozinho, e não posso esperar que mesmo a mais seleta audiência esteja a par de idéias tão abstrusas. Quando chegarmos à técnica de análise dos sonhos terei de abordar parte desse material mítico, aí surgirá a idéia aproximada do que seja o trabalho de encontrar paralelos aos produtos do inconsciente. No momento, tenho que me satisfazer com a afirmação de que há padrões mitológicos naquelas camadas inconscientes, que produzem elementos impossíveis de serem atribuídos ao individual, podendo mesmo ser de natureza psíquica totalmente oposta à personalidade do sonhador. Podemos ficar fortemente impressionados com o fato de uma pessoa sem cultura produzir um sonho que não lhe pareça adequado, por revelar as coisas mais surpreendentes. E os sonhos de crianças normalmente nos fazem pensar tanto que quase temos de tirar dia de folga a fim de nos recobrarmos da surpresa que eles nos causam. Trata-se de símbolos tremendamente profundos que é mesmo impossível deixar de se perguntar: "*Como pode uma criança sonhar coisas assim?*"

[84] A explicação é bem mais simples do que julgamos. Nossa mente tem sua história, bem como nosso corpo. Pode-se às vezes ficar intrigado pelo fato de o homem ter um apêndice. Para que serve? Bem, ele nasceu assim, e acabou-se. Milhões de pessoas não sabem que têm um timo, mas isso não impede que ele exista. Também não sabem que, em certa parte, sua anatomia pertence à espécie dos peixes, entretanto é assim. Nossa mente inconsciente, bem como nosso corpo, é um depositário de relíquias e memórias do passado. Um estudo da estrutura do inconsciente coletivo revelaria as mesmas descobertas que se fazem em anatomia comparada. Não precisamos pensar na existência de um fator místico ou coisa que o valha. Mas ao falar do inconsciente coletivo tenho sempre sido acusado de "obscurantismo". Não há misticismo algum, trata-se apenas de um novo ramo da ciência e é realmente de senso comum admitir-se a existência de processos coletivos inconscientes. Pois, embora uma criança não nasça consciente, sua mente não é *tabula rasa*; ela vem ao mundo com uma interioridade definida, e a mente de uma criança inglesa não é a mesma, nem trabalha como a de um pretinho australiano, mas sim, no mesmo sentido que o faz uma pessoa dos dias atuais na Inglaterra. O cérebro nasce com uma estrutura acabada, funcionará de maneira a inserir-se no mundo de hoje, tendo, entretanto, a sua história. Foi elaborado ao longo de milhões de anos e representa a história da qual é o resultado. Naturalmente traços de tal história estão presentes como em todo corpo, e se mergulhamos em direção à estrutura básica da mente, por certo encontraremos traços de uma mente arcaica.

[85] A idéia do inconsciente coletivo é bastante simples, caso contrário poder-se-ia falar de um milagre. E, em absoluto, não sou do tipo milagreiro. Atenho-me simplesmente à experiência. Se houvesse possibilidade de narrar-lhes as experiências, os senhores tirariam as mesmas conclusões sobre os motivos arcaicos. Por um acaso, de algum modo, atirei-me à mitologia e talvez tenha lido mais livros do que os senhores. Entretanto não me dediquei sempre a estudos mitológicos. Quando eu ainda fazia parte da Clínica, encontrei um paciente esquizofrênico, que tivera uma visão estranha, e acabou por contá-la a mim. Ele queria que eu a compreendesse e por burrice eu não conseguia fazê-lo; eu estava realmente sendo muito obtuso.

Pensei: "Esse homem é um louco, e a sua visão não me deve aborrecer". Mas tal saída não me tranquilizou, pois perguntas me cruzavam constantemente a cabeça: "O que significam as visões daquele paciente?" A simples loucura como causa não me satisfazia, e mais tarde encontrei um livro de um estudioso alemão Dieterich (*Eine Mithrasliturgie*), onde publicara parte de um papiro mágico. Estudei-o com interesse, e na página sete encontrei, palavra por palavra, a visão do meu lunático. Fui atingido por um choque: "Como é possível que esse sujeito tenha tido a mesma visão?" Não se tratava apenas de uma imagem, mas de uma série delas, e de sua repetição literal por parte do paciente. Não vamos estender-nos muito sobre isso, porque poderíamos tomar muito do tempo que temos disponível. Por ser um caso realmente interessante, resolvi publicá-lo.²⁶

[86] O paralelismo surpreendente fez-me não abandonar o trabalho oferecido pelo problema. Provavelmente o livro do brilhante Prof. Dieterich não foi lido pelos senhores, mas se o tivessem feito, se houvessem observado os mesmos casos, teriam provavelmente descoberto a idéia do inconsciente coletivo.

[87] A camada mais profunda que conseguimos atingir na mente do inconsciente é aquela em que o homem "perde" a sua individualidade particular, mas onde sua mente se alarga mergulhando na mente da humanidade - não a consciência - mas o inconsciente, onde somos todos iguais. Como o corpo tem sua conformação anatômica com dois olhos, duas orelhas, um nariz e assim por diante, e apenas ligeiras diferenças individuais, o mesmo se dá com a mente em conformação básica. A esse nível não somos mais entidades separadas, somos **um**. Podemos compreender isso quando estudamos a psicologia dos povos primitivos. O fato que mais salta à vista, na mentalidade primitiva, é essa falta de diferenciação entre os indivíduos, essa união de sujeito e objeto, essa "*participation mystique*", como é denominada por Lévy-Bruhl²⁷ traduzido para o inglês por Lilian A. Clark. A conformação mental do primitivo exprime a estrutura básica da mente humana, aquela camada psíquica, que para nós é o inconsciente coletivo, aquele nível subjacente que em todos nós é o mesmo, e devido a tal igualdade básica não se podem fazer distinções pessoais nas experiências que se dão nesse nível. Lá não se sabe se aconteceu alguma coisa com você ou comigo. No inconsciente subjacente há uma inteireza impossível de ser dissecada. Se começarmos a pensar que participação é um fato que significa nossa identidade fundamental em todas as coisas, seremos levados a conclusões teóricas bem fora do comum. Não convém ir muito além disso, pois tais coisas devem ser exploradas, pois podem explicar muitos fatos estranhos que sucedam aos homens.

[88] Para resumir, trouxe um diagrama:

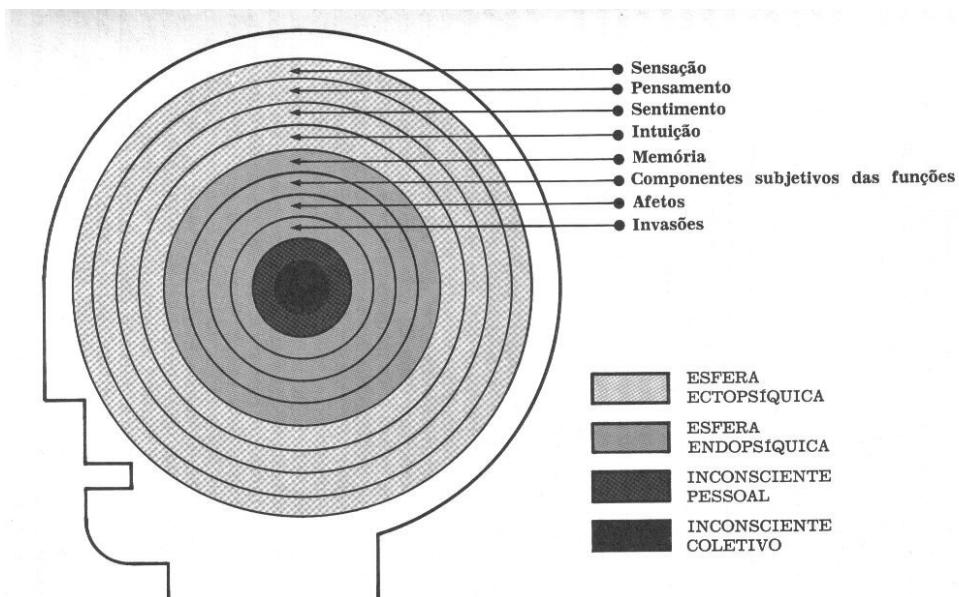


Fig. 4 — A Psique

²⁶ Cf. Symbols of Transformation, par. 151ss; The Archetypes and the Collective Unconscious, par. 105; The Structure and Dynamics of the Psyche (C. W., vol 8), par. 228, 318ss).

²⁷ How Natives Think.

Parece muito complicado, mas em realidade é só impressão. Suponhamos que nossa esfera mental se pareça com um globo aceso; a superfície da qual emana a luz corresponde à função com a qual nos adaptamos predominantemente. Se formos do tipo racional, abordaremos as coisas através do pensamento, que é a nossa faceta mais visível para as pessoas. Será outra função, se o nosso tipo for outro.²⁸

[89] No diagrama, a **sensação** aparece como função periférica, através da qual se recebe informação sobre o mundo dos objetos exteriores. No segundo círculo, **pensamento**, entram as coisas recebidas pelos sentidos, e aí é-lhes conferido um nome. A seguir, surgirá, em relação a elas, um **sentimento**. E no final teremos uma certa consciência do destino das coisas percebidas, bem como da maneira pela qual elas se desenrolam no presente. É a **intuição**, que nos faz ver o que está acontecendo nos cantinhos mais escondidos. Estas quatro funções formam o sistema ectopsíquico.

[90] A próxima esfera representa o complexo consciente do ego, ao qual as funções se referem. Na endopsique surge primeiro a **memória**, que ainda é uma função que pode ser controlada pela vontade; ainda está sobre o controle do complexo do ego. A seguir encontramos as **componentes subjetivas das funções**. Não podem ser totalmente dirigidas pela vontade, mas podem ainda ser suprimidas, excluídas ou intensificadas através da força da vontade. Tais componentes não são mais tão controláveis quanto à memória, embora até ela seja meio cheia de truques, como os senhores sabem. Aí chegamos aos **afetos** e **invasões**, controláveis apenas através de força sobre-humana; podemos suprimi-los e nada mais - podemos cerrar os punhos para não explodirmos, e só, pois esses fatores são muito mais fortes que o complexo do ego.

[91] Tal sistema psíquico não pode, realmente, ser expresso através de um sistema tão precário. O presente diagrama seria mais uma escala de valores, que demonstra como a energia, ou a intensidade do complexo do ego que se manifesta como força de vontade, gradualmente decresce, à medida que nos aproximamos da escuridão existente nos últimos graus da estrutura - o inconsciente. Inicialmente temos a mente subconsciente de base pessoal. O **inconsciente pessoal** é aquela parte da psique que contém elementos que também poderiam aflorar à consciência. Sabemos que mil e uma coisas são ditas de maneira inconsciente, mas essa é apenas uma afirmação relativa; nesta esfera particular não há nada que seja necessariamente inconsciente. Há pessoas que se encontram acordadas para quase todas as coisas de que se possa ter consciência. Obviamente existe uma inconsciência espantosa em nossa civilização, mas ao observarmos outras raças, outros países, como a Índia e a China, descobriremos que esses povos estão despertos para coisas que obrigariam os psicanalistas de nossos países a sofrerem durante meses antes de conseguirem captá-las. A pessoa simples, vivendo em condições naturais, apresenta para fatos que o pessoal das cidades desconhece, e de que só agora começa a ter alguma visão, sob o efeito da análise psicológica. Na escola pude observar muito bem, pois eu vivera no campo, entre camponezes e animais, e minha consciência estava repleta de coisas desconhecidas para outros rapazes. Tive essa oportunidade, e não encarava esses fatos com preconceito. Ao analisar sonhos, sintomas ou fantasias de pessoas neuróticas ou normais, começa-se a penetrar na mente coletiva e é possível abolir seus limites artificiais. O inconsciente pessoal é realmente cheio de relatividades, e o seu círculo pode ser restrito, tornando-se bem estreito, chegando quase a zero. É provável que um homem venha a desenvolver sua consciência a tal ponto que possa dizer: "*Nihil humanum, a me alienum puto*".²⁹

[92] Eis, afinal, o cerne da semente, impossível de ser trazido à consciência - a esfera do mundo arquetípico. Seus conteúdos presumíveis aparecem sob a forma de imagens que apenas podem ser entendidas quando comparadas com paralelos históricos. Caso certo material não seja reconhecido como histórico, e não se possuam os paralelos, será impossível integrar tais elementos na consciência, permanecendo eles projetados. Os elementos do **inconsciente coletivo** não se encontram sujeitos a nenhuma intenção arbitrária, nem são manejáveis pela vontade. Na verdade, agem como se não existissem na pessoa - conseguimos vê-los em nosso próximo, mas não em nós mesmos. Quando seus elementos são ativados, percebemos certas coisas nos outros seres humanos. Descobrimos, por exemplo, que os abissíniros cruéis estão atacando a Itália. Os senhores conhecem a famosa história de Anatole France: dois camponezes

²⁸ Para descrição geral de tipos e funções, ver *Tipos Psicológicos*, Cap. X.

²⁹ Cf. Terêncio, *Heauton Timorumenos*, 1.1.25 - "Homo sum; humani nil a me alienum puto" (Sou homem e nada do que é humano me pode ser alheio).

viviam brigando, e houve alguém que quis trazê-los à razão e perguntou a um dos dois: "Por que você odeia tanto o seu vizinho e vive brigando desse jeito?", ao que o outro replicou: "*Mais il est de l'autre côté de la rivière!*" ("Ora, ele nasceu do outro lado do rio!") É o que se dá com a França e a Alemanha. Nós os suíços, durante a guerra, tivemos muita oportunidade de ler os jornais, e estudar o mecanismo especial que agia como dois grandes canhões, de um lado e do outro do Reno. E era evidente que uns viam nos outros o defeito que não conseguiam enxergar em si mesmos.

[93] Via de regra, quando o inconsciente coletivo se torna verdadeiramente constelado em grandes grupos sociais, a consequência será uma quebra pública, uma epidemia mental que pode conduzir a revoluções, guerra, ou coisa semelhante. Tais movimentos são tremendamente contagiosos, eu diria inexoravelmente contagiosos, pois quando essa esfera humana é ativada, ninguém mais é a mesma pessoa. Você não está apenas no movimento, mas é o próprio movimento. Quem viveu na Alemanha ou lá esteve por algum tempo tentava defender-se, mas era em vão. Somos humanos e, no mundo, onde quer que estejamos, é possível nos defendermos apenas através de restrição de ordem consciente, fazendo-nos tão vazios, tão sem alma quanto pudermos. Aí perdemos o nosso espírito, para tornarmo-nos apenas um pobre grão de consciência flutuando num mar de vida que nos é estranho. Mas se permanecermos nós mesmos, veremos que a atmosfera coletiva entra-nos na pele. É impossível viver na África, ou em qualquer outro desses países, sem tê-los penetrados no sangue da gente. Não se pode impedir que isso aconteça, pois em algum outro lugar somos também um negro, ou um chinês ou qualquer outro homem do mundo, em tal hora somos apenas seres humanos da mesma raça que todos os homens. Temos os mesmos arquétipos, bem como todos possuímos fígado, olhos e coração. Não importa que a pele seja negra. Evidentemente há uma importância relativa, pois provavelmente o negro terá uma camada cultural a menos que você. Os diferentes estratos da mente correspondem à história das raças.

[94] Se os senhores se aprofundarem no estudo das raças, como eu o fiz, farão descobertas interessantes. O americano pelo fato de viver numa terra virgem, tem o índio dentro de si; ele também é um pele vermelha. Tanto o indígena (que provavelmente ele nunca viu), como o negro (apesar de viver na condição de pária, e dos veículos coletivos, reservados apenas para os brancos), entram no americano, e descobriremos que ele pertence a uma nação mestiça.³⁰ Tal fato é totalmente inconsciente, e apenas podemos falar a esse respeito com pessoas realmente esclarecidas. É igualmente difícil falar a alemães e franceses quando se quer explicar-lhes por que vivem constantemente em divergência.

[95] Há algum tempo atrás passei uma noite agradável em Paris. Era convidado de alguns homens bastante cultos e nossa conversa foi muito boa. Pediram minha opinião sobre diferenças nacionais, e julguei o momento adequado para botar a minha colherada na mistura: "*O que vocês valorizam é la clarté latine, la clarté de l'esprit latin, porque o pensamento de vocês é inferior. É inferior quando comparado ao germânico*". Ficaram de orelha em pé e eu continuei: "*Mas o sentimento de vocês é invencível, é totalmente diferenciado*". Perguntaram-me: "*Como assim?*" Repliquei: "*Vejam, por exemplo, um café, em Vaudeville, ou qualquer lugar em que se ouvem canções ou encenações dramáticas; aí se nota um fenômeno muito particular: há um grande número de coisas grotescas e cínicas, mas de repente qualquer coisa de valor sentimental acontece - a mãe perde um filho, um romance se concretiza ou então explode qualquer fato extremamente patriótico, e a gente é forçado a ir até às lágrimas. Para vocês sal e açúcar têm de vir sempre juntos. Mas um alemão consegue agüentar uma noite inteira só à base de açúcar, o que é impossível para os franceses. Vocês encontram uma pessoa e dizem: Enchanté de faire votre connaissance, mas ninguém está enchanté cosíssima nenhuma, o que se sente, na verdade, é 'Ora, não me aborreça muito'. Mas ninguém se perturba com isso. Agora, nunca digam: Enchanté de faire votre connaissance a um alemão, porque ele vai acreditar nisso. Um alemão nos vende um par de suspensórios e não espera apenas, como seria natural, que o paguemos, mas sim que o amemos por isso*".

[96] A nação alemã se caracteriza pela sua inferioridade em relação à função do sentimento, pela sua indiferenciação. Se dissermos isso a um alemão ele ficará ofendido, e eu também ficaria. São muito apegados ao que chamam *Gemütlichkeit* - uma sala cheia de fumaça, onde todos são amigos. Isto é o *Gemütlichkeit*, e não deve ser perturbado; para eles, isto tem de

³⁰ Cf. Civilization in Transition, par. 94ss e par. 946ss, in (C.W., vol 10).

ser entendido de uma vez e sem apparentar dúvidas. É *la clarté germanique du sentiment*, e é inferior. Por outro lado é uma grande ofensa dizer qualquer coisa paradoxal a um francês, pois ele sempre quer a clareza.

Um filósofo inglês disse: "Uma mente superior nunca é muito clara". é certo e o mesmo se dá com um sentimento superior. É possível desfrutar indefinidamente de um sentimento, apenas quando ele é ligeiramente duvidoso, e um pensamento que não encerre a mínima contradição não pode ser convincente.

Nosso problema daqui para frente será: como abordaremos a face obscura da mente humana? Poderemos consegui-lo através de três métodos de análise: o teste da associação de palavras, a análise de sonhos e a imaginação ativa. Para iniciar, vamos ater-nos aos **testes de associação de palavras**³¹, que para muitos dos presentes talvez pareçam ultrapassados, mas tenho de ainda referir-me a eles por continuarem sendo usados. Atualmente emprego estes testes não em pacientes, mas em casos criminais.

Estou repetindo coisas sobejamente conhecidas, mas, enfim... Faz-se a experiência com uma lista de, digamos, cem palavras. Diz-se à pessoa que se submete ao teste para reagir com a primeira palavra que lhe passe pela cabeça, e o mais depressa possível, depois de ouvido ou entendido a palavra estímulo. A experiência só é começada depois de se ter certeza que a pessoa entendeu o mecanismo. Marca-se o tempo de cada resposta com um cronômetro. Depois de terminadas as cem palavras, parte-se para outra experiência: repete-se as palavras estímulo e a pessoa tem que repetir as suas respostas anteriores; em algum lugar a memória falha, tornando-se a reprodução incerta ou errônea. Tais erros são de maior importância.

Originalmente o experimento não se destinava ao seu uso atual; aplicava-se aos estudos das associações mentais, sendo a mais utópica das idéias. Impossível estudar qualquer coisa deste tipo com um método tão rudimentar. Mas é possível estudar outros pontos quando a memória falha, quando as pessoas cometem erros. Usa-se uma palavra tão simples que uma criança possa entender e de repente, um adulto inteligente vacila diante dela. Por quê? É que tal palavra atingiu um complexo, uma conglomerado de sentimentos estranhos ou dolorosos, normalmente inacessíveis ao contato exterior. É como se um projétil arrebentasse a grossa camada da **persona**³², em direção à camada obscura. Por exemplo, será atingido se usarmos palavras como "pagar", "dívida", "comprar", etc... Ocorrerá um distúrbio na reação.

Existem doze ou mais categorias de distúrbios, mas mencionarei aqui apenas algumas delas a fim de proporcionar aos senhores a visão de seu valor profissional. O prolongamento da reação é de grande importância prática. Decidimos se o tempo de reação é muito longo tirando a média de todos os outros tempos anteriores. Outras perturbações características são: reagir com mais de uma palavra, contrariando as instruções; engano na reprodução das palavras; reação traduzida por expressão facial; riso, movimento das mãos, dos pés ou do corpo; tosse, gaguejar; reações insuficientemente expressas por respostas do tipo "sim" e "não"; não reação ao verdadeiro estímulo da palavra; repetição das mesmas palavras; uso de língua estrangeira - perigo quase inexistente na Inglaterra, mas frequente entre nós (Suiça); reprodução defeituosa quando as palavras começam a escapar à memória; ausência absoluta de reação.

Tais respostas encontram-se fora do domínio da vontade. Se alguém dos presentes se submeter à experiência, não haverá como escapar à verdade, nem se recusando a tomar parte, pois então já se sabe o que motivou a relutância. Se apresentarmos o teste a um criminoso e ele se recusar, tal passo será fatal, pois o motivo da recusa estará evidente. Se concordar, estará ele próprio dando o laço da forca.

Em Zurique sou chamado pela Corte quanto surge um caso difícil; sou o último recurso. Os resultados dos testes de associação podem ser claramente ilustrados através de um diagrama:

³¹ Studies in Word Association e também Experimental Researches (C.W., vol. 2).

³² Two Essays on Analytical Psychology (C.W., vol. 7) pars. 245ss e 304ss.

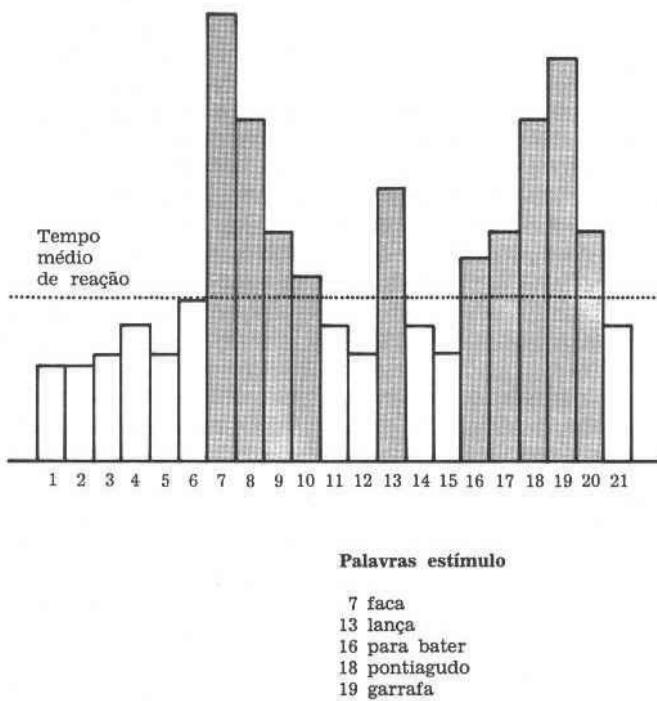


Fig. 5 — Teste de Associação

A altura das colunas representa o verdadeiro tempo de reação ao teste. A linha horizontal pontilhada é a média comum dos tempos. As colunas em branco são as reações desprovidas de distúrbio. As sombreadas representam os pontos de perturbação. Por exemplo, nas reações 7, 8, 9, 10, há uma série completa de reações perturbadas. A palavra estímulo número sete foi muito forte e crítica, e, sem que a pessoa notasse, as três reações subsequentes foram mais longas devido à continuação da reação do estímulo inicial. A pessoa não tinha a mínima consciência de ter sofrido uma emoção.

A reação 13 apresenta um distúrbio isolado, e de 16 a 20 temos uma série completa de distúrbios. As reações mais fortes se encontram em 18 e 19. Nesse caso temos de tratar com a chamada intensificação da sensitividade através do efeito sensibilizador de uma emoção desconhecida: quando uma palavra estímulo ocorre na faixa de perseverança, seu efeito pode ser maior do que o esperado se viesse numa série de associações indiferentes. É o chamado efeito sensibilizador de uma reação prolongada.

No tratamento de casos criminais podemos usar tal efeito ordenando os estímulos críticos de tal modo a ocorrerem no intervalo presumível de perseverança. Isto é realizado a fim de aumentar o efeito das palavras de natureza crítica. Testando-se uma pessoa suspeita, as palavras devem ocorrer de maneira a terem conexão direta e recair sobre o crime.

O teste da figura 5 é de um homem de aproximadamente 35 anos, pessoa decente que me servia de base para muitos testes. Tive que trabalhar com muitas pessoas normais antes de abordar o campo patológico. Se os senhores quiserem saber o que perturbou esse homem, basta que leiam as palavras críticas e as juntem. É possível descobrir com exatidão do que se tratava.

Temos, inicialmente, entre as palavras perturbadoras, **faca**. A seguir, **lança**, **pontiagudo** e **garrafa**. O registro foi feito numa lista curta de cinqüenta palavras, permitindo-me dizer-lhe claramente o que tinha acontecido. Comecei assim: "*Não sabia que o senhor tinha passado por uma experiência tão desagradável!*". O homem olhou-me seriamente e disse: "*Não sei a que o senhor se está referindo*". Continuei: "*Bem, o senhor estava bêbado, teve um caso desagradável e acabou esfaqueando alguém*". E ele: "*Como o senhor descobriu?*" E aí confessou tudo. Ele vinha de uma família simples, mas respeitável de ótimas pessoas. Estivera viajando, e depois de embebedar-se, acabou esfaqueando alguém e pegando um ano de cadeia. Eis o segredo que escondia porque lançava uma mancha em sua vida. Ninguém na sua cidade, nem nas redondezas, sabia nada desse caso, a não ser eu que tropecei nele por acaso... Nas minhas experiências em Zurique também faço esse tipo de experiência. Os que querem confessar são naturalmente bem-vindos. Entretanto, sempre peço aos pesquisadores para trazerem material de uma pessoa

conhecida por eles e não por mim, e mostro-lhes como ler as estórias; às vezes fazemos descobertas espantosas.

Vejamos outro caso: Muitos anos atrás, quando eu ainda era médico recém-formado, um velho professor de criminologia perguntou-me sobre a experiência e afirmou não acreditar nisso. "Não, Professor. O senhor pode submeter-se a ela quando quiser". Convidou-me uma noite e apliquei-lhe o teste. Depois de dez palavras ele se cansou e disse: "O que você pode fazer com essas coisas? Daí não vai sair mais nada". Expliquei-lhe que não se pode conseguir nada de apenas dez ou doze palavras; depois de cem, pode ser que surja alguma coisa. "E você pode fazer algo com o que já tem aí?" "Muito pouco", respondeu. "Mas posso dizer-lhe isso: há bem pouco tempo o senhor teve problemas financeiros; faltou-lhe dinheiro. O seu medo é de morrer de doença cardíaca; seus estudos devem ter sido feitos na França onde o senhor teve um romance que tem voltado ultimamente a suas lembranças, pois freqüentemente quando se tem medo de morrer, velhas e doces recordações retornam do ventre dos tempos". "Como você descobriu isso?" Qualquer criança acertaria! Era um homem de setenta e dois anos que à palavra coração associou dor: medo de morrer de sícope. Associou morte a morrer, reação natural, e a dinheiro, muito pouco, o que também é normal. Então as coisas começaram a ficar surpreendentes. A pagar, ele associou, depois de um tempo consideravelmente longo de reação, La Semeuse, embora nosso diálogo se desse em alemão. O motivo é a famosa figura da moeda francesa. Então, por que cargas d'água esse velhinho diria la Semeuse? Quando chegou a palavra beijo, o tempo de reação tornou-se novamente longo e seus olhos brilharam quando ele disse: bonita.

Aí construí a estória tranqüilamente. O Professor jamais se expressaria em francês se a essa língua não estivesse associado um sentimento particular, e então devemos pensar na razão de ele ter usado francês para exprimir-se. Será que ele tivera prejuízos com o franco francês? Não havia problema de desvalorização, nem de inflação naquele tempo. Certamente esse não era o caminho. Eu estava em dúvida se a coisa era amor ou dinheiro. Mas quando chegamos a beijo/bonita, não houve mais dúvidas que era amor. Ele não era o tipo de homem que iria à França em idade madura, mas estudara direito em Paris, provavelmente na Sorbonne. Foi relativamente simples alinhavar a estória. Ocasionalmente pode-se chegar a verdadeiras tragédias. A figura 6 é o caso de uma mulher de aproximadamente trinta anos de idade.

Ela estava na clínica e o diagnóstico era esquizofrenia de caráter depressivo. A prognose era igualmente negativa. A paciente estava sob minha responsabilidade e eu tinha por ela um sentimento diferente. Era impossível concordar com a prognose, pois esquizofrenia já começava a ser uma idéia relativa para mim. Eu acreditava que somos todos um pouco loucos, mas essa

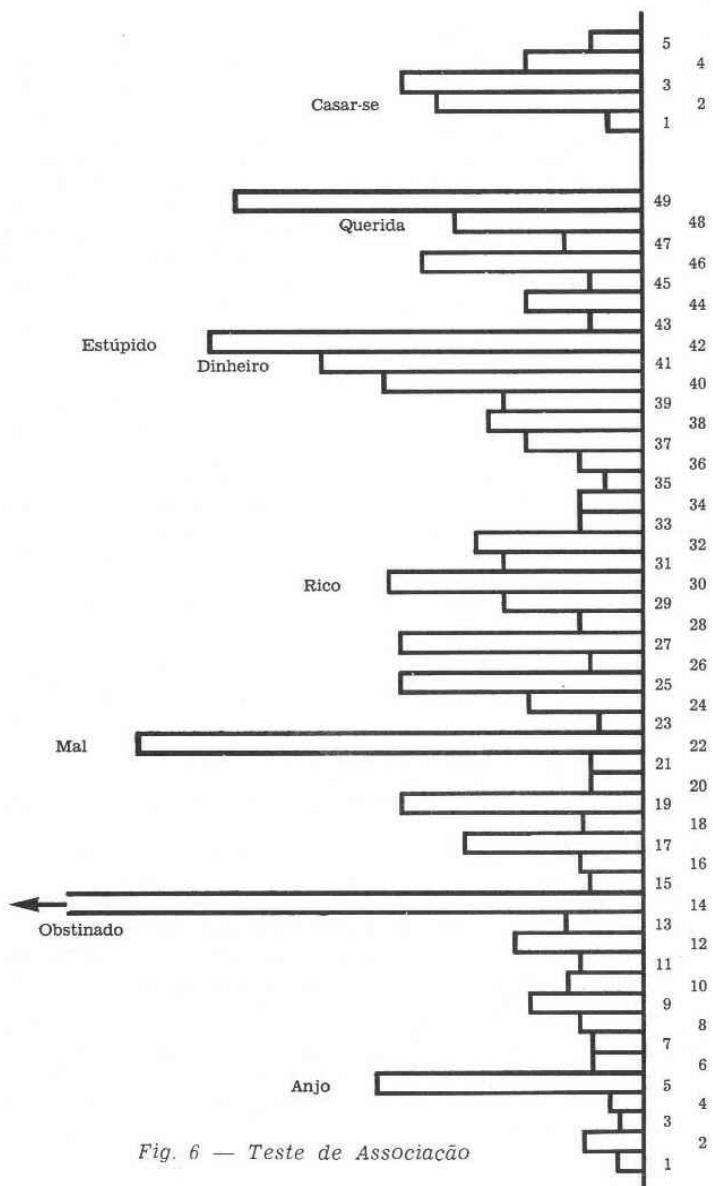


Fig. 6 — Teste de Associação

mulher era estranha e eu não podia aceitar o diagnóstico como última palavra. Infelizmente, naquele tempo, conhecíamos muito pouco. É óbvio que fiz a anamnese, mas nada do que foi descoberto esclareceu o caso. Foi quando a submeti ao teste das associações, fazendo finalmente uma descoberta estarrecedora. A primeira perturbação foi causada pela palavra **anjo** e uma ausência total de reação à palavra **obstinado**. A seguir vinham **rico**, **dinheiro**, **mau**, **estúpido** e **casar**. Bem, essa mulher era casada com um homem de posses, que ocupava uma posição muito boa, parecendo serem ambos felizes. Interroguei o marido e só consegui descobrir, como a paciente já o declarara, que a depressão chegara mais ou menos dois meses depois que sua filha mais velha morrera, uma garotinha de quatro anos. Nada mais pôde ser encontrado sobre a etiologia do caso. O teste de associações colocou-me à frente de uma série de reações estonteantes, mesmo ininteligíveis para mim. É comum ficar-se nessa situação, principalmente quando se lida com um tal tipo de diagnose. Aí pergunta-se à pessoa sobre as palavras que não se relacionam diretamente ao problema. Se abordássemos diretamente distúrbios mais sérios, chegaríamos a respostas errôneas. Por isso, é aconselhável começar com palavras relativamente inofensivas e então possivelmente as respostas serão mais honestas. "Bem, o que há com esse **anjo**? Essa palavra significa alguma coisa para você?", perguntei. "Lógico. É a filha que perdi". E a isso se sucedeu uma crise de choro. Quando a tempestade terminou, perguntei: "E o que significa **obstinado** para você?" "Não significa nada". Mas insisti: "A palavra causou um grande distúrbio, portanto deve haver qualquer coisa ligada a ela". Não pude ir mais longe. Então tomei a palavra **mau**. Aí definitivamente não consegui extrair mais nada. Houve uma reação negativa muito séria, provando que ela não queria responder. Detive-me, então, em **azul**, e ela disse: "São os olhos da criança que perdi". "Eles a impressionavam muito?" "Evidentemente. Eram esplendidamente azuis quando o bebê nasceu". Notei a expressão de seu rosto e perguntei: "Por que você está preocupada?" "É que ela não tinha os olhos de meu marido". Depois veio a estória de que a criança tinha os olhos de um ex-namorado da paciente. "O que a perturba em relação a esse homem?" E consegui fazê-la contar a história inteira.

Na pequena cidade em que ela nascera havia um jovem muito rico. Ela provinha de uma família financeiramente estável, mas sem grande fortuna. O rapaz era da aristocracia, possuía muito dinheiro; todas as garotas sonhavam com ele, sendo pois o herói da cidadezinha. Nossa paciente era bonita, e pensou que teria algumas possibilidades em relação ao rapaz. Mais tarde descobriu estar enganada, e a família disse: "A troco de que pensar nele? É um homem rico e nem nota a sua existência. Veja fulano de tal, um homem de bem. Por que não se casa com ele?" E assim ela o fez, e os dois viveram perfeitamente bem, até que um velho amigo da cidadezinha natal foi visitá-la. Quando o marido saiu da sala, o cavalheiro disse: "Você fez um certo cavalheiro sofrer muito (referindo-se ao antigo herói)" - "O quê? Eu o fiz sofrer?" - "Você por acaso não sabia que ele a amava, e teve um choque quando soube do seu casamento?" Isso fez a casa vir abaixo, mas a paciente conseguiu reprimir a emoção. Quinze dias depois, ela estava dando banho nas crianças, um menino de dois anos e uma menina de quatro. A água da cidade não era recomendável - não era na Suíça que o caso se passava. Estava na verdade infectada da febre tifóide. A mulher viu que a menininha estava chupando uma esponja de banho. E não interferiu. Quando o menino pediu água para beber ela lhe deu da água possivelmente contaminada. A menina contraiu tifo, morrendo logo depois. Mas o garoto conseguiu salvar-se. Assim ela teve o que queria - ou o que o diabo queria dentro dela: a recusa do casamento para poder casar-se com outro homem. Considerando-se as coisas sob tal ângulo, ela simplesmente cometera um assassinato. A paciente não o sabia; apenas contou-me os fatos sem tirar a conclusão de que era responsável pela morte da criança, desde que sabia que a água estava infectada e que havia perigo. Deparei-me com a questão de dizer-lhe, ou não, que havia cometido um crime (era apenas questão de dizer-lhe, não havia a menor ameaça de processo criminal). Se eu lhe dissesse a verdade, sua condição poderia piorar muito, mas, de qualquer forma, já havia uma péssima prognose; mas se ela pudesse tomar a consciência profunda de seu ato, haveria chances de que sua doença encontrasse cura. Afinal, tomei a decisão de dizer-lhe simplesmente: "Você matou sua filha". Um forte estado emocional a afogou, mas depois a paciente conseguiu chegar à realidade dos fatos. Em três meses pudemos dar-lhe alta, e ela nunca mais voltou. Examinei-a durante quinze anos e não houve recaída. A depressão anterior adaptava-se psicologicamente ao seu caso: a doente era uma criminosa, que em outras circunstâncias mereceria a pena máxima. Praticamente salvei-a da punição da loucura,

colocando-lhe um enorme fardo sobre a consciência. Quem aceita o seu pecado pode viver com ele. Se não aceitar tem de suportar as inevitáveis consequências.

DISCUSSÃO

Pergunta

Gostaria de retomar o ponto da noite passada. Lá pelo fim da conferência o Prof. Jung falou em funções mais elevadas e mais baixas e afirmou que o tipo "pensamento" usa a função sentimento de maneira arcaica. Gostaria de saber se o reverso também é verdadeiro: O sentimental pensa de modo arcaico? Em outras palavras: O pensamento e a intuição devem ser sempre considerados como funções superiores, quando relacionados à sensação e ao sentimento? Pergunto isso porque concluí a partir de outras conferências que a sensação era a mais baixa das funções, enquanto que o pensamento seria a mais elevada. É certo que em nossos dias o pensamento parece ser a atividade mais admirada. Um professor, pensando em seu trabalho, considera e é considerado um tipo muito mais importante que o camponês que diz: "Às vezes me assento e penso. E às vezes só me assento".

Prof. Jung

Espero não ter dado a impressão de ter minhas preferências por qualquer uma das funções. A função dominante num determinado indivíduo é sempre a mais diferenciada. E isso pode acontecer com qualquer uma delas. Não existe absolutamente critério que nos permita dizer se esta ou aquela função é a melhor. Podemos apenas afirmar que a mais diferenciada se presta à adaptação do indivíduo, e a que é mais excluída pela superior não consegue diferenciar-se, pela falta de uso. Há algumas pessoas modernas que costumam afirmar que a intuição é a mais nobre das funções. Não há dúvida que as pessoas menos perseverantes preferem a intuição. O tipo sensação sempre pensa que as outras pessoas são inferiores por não terem o senso do real tão agudo quanto ele o tem; ele é o fulano real e todos os outros são aéreos e fantásticos. Todo mundo julga sua função superior como o máximo que se pode atingir. E a esse respeito sempre corremos o risco de fazer a grande burrada, e a mais evidente. Para entendermos a verdadeira ordem das funções, é necessário, em nossas consciências, a mais severa crítica psicológica. Há muita gente pensando que os problemas mundiais podem ser perfeitamente resolvidos pelo pensamento. Mas nenhuma verdade pode ser alcançada sem a intervenção das quatro funções. Quando se pensa o mundo, apenas se alcança um quarto dele: os três quartos restantes podem voltar-se contra a gente.

Dr. Eric B. Strauss

O Prof. Jung disse que o teste de associação de palavras era um meio de estudo do inconsciente pessoal. Nos exemplos que nos foram apresentados, os problemas certamente referiam-se à consciência dos pacientes, nunca à inconsciência. Evidentemente, se quisermos dar um passo adiante e procurar o material inconsciente dos pacientes, devemos fazê-los associarem livremente sobre as reações anômalas. Estou referindo-me particularmente à associação com a palavra "faca", quando o professor tão sutilmente captou a estória do incidente desagradável. Aquilo estava certamente na consciência do paciente, pois se as associações fossem inconscientes, e se nossa formação fosse freudiana, poderíamos acreditá-las relacionadas a algum complexo de castração ou alguma coisa semelhante. Não estou afirmando isso, mas não entendo o que o Prof. Jung quer dizer quando afirma que o teste das associações de palavras é destinado a atingir o inconsciente. Com toda a certeza nos casos apresentados hoje, o teste foi usado para atingir a consciência; ou, pelo menos, o que Freud denominou o pré-consciente.

Prof. Jung

Gostaria muito que o senhor prestasse mais atenção ao que eu digo. Afirmei que as coisas inconscientes são muito **relativas** - quando estou inconsciente de alguma coisa, esse estado é

relativo; em alguns aspectos devo saber o que se passa. Em alguns pontos os conteúdos do inconsciente pessoal são perfeitamente conscientes, mas não o reconhecemos sob nenhum aspecto ou tempo particular.

Como se pode determinar se uma coisa é consciente ou inconsciente? O único remédio é perguntá-lo a algumas pessoas; não existe outro critério. Pergunta-se: "Você acha que teve alguma hesitação?" E me respondem: "Não, nenhuma pelo menos que sei, todos os meus tempos de reações foram iguais". "Você tem consciência de que alguma coisa o perturbou?" "Não. Não sei." "Você se lembra do que respondeu na palavra faca?" "Não lembro, não". Essa ignorância de fatos é coisa das mais comuns. Quando me perguntam se conheço determinado homem, posso responder que não, porque não me lembro dele e, portanto, não estou consciente de conhecê-lo. Mas quando me dizem que o encontrei há dois anos atrás, que ele é fulano de tal, que fez tais e tais coisas, então respondo: "É lógico que eu o conheço". Conheço-o e não o conheço... Todos os elementos do inconsciente pessoal são relativamente inconscientes, mesmo o complexo de castração e o complexo de incesto. Eles são perfeitamente conhecidos em certos aspectos, embora não o sejam em outros.

Essa relatividade da consciência torna-se indiscutível em casos histéricos. Freqüentemente descobrimos que certos fatos, aparentemente inconscientes, são inconscientes apenas para o médico, mas não talvez para a enfermeira ou os parentes do doente.

Certa vez, tive que atender um caso interessante numa clínica famosa de Berlim, um caso de sarcomatose múltipla da medula e como o diagnóstico partira de um neurologista muito conhecido e respeitado, quase tremi por ter de dar a minha opinião. Perguntei quando surgiram os sintomas e descobri que foi na noite em que o filho da paciente deixara a casa materna para casar-se. Ela era viúva, e obviamente apaixonada pelo próprio filho. Concluí: "Isto não é sarcomatose, mas sim uma histeria comum, que no tempo devido poderemos provar". O neurologista ficou horrorizado pela minha falta de inteligência, de tato ou sei lá do que, e fui obrigado a retirar-me. Mas na rua alguém correu atrás de mim. Era a enfermeira que disse: "Dr., eu quero agradecer-lhe por ter dito que era histeria. Achei isso desde o começo".

Dr. Eric Grahan Howe

Posso voltar ao que disse ao Prof. Strauss? Na noite passada o professor reprovou-me por eu meramente usar palavras, mas creio que é importante tornar tais palavras totalmente compreensíveis. Imagine o que aconteceria se o senhor me dissesse que a experiência seria feita com a palavra "místico" e "quarta dimensão". Creio que haveria grandes momentos de demorada e furiosa concentração a cada vez que elas surgissem. Proponho que voltemos ao problema da quarta dimensão, pois creio ser esse um elo extremamente necessário para ajudar o nosso entendimento. O Dr. Strauss fala de **inconsciente** e entendi através do Prof. Jung que tal coisa não existe; o que há é apenas uma inconsciência relativa, que depende de um certo grau de consciência. De acordo com Freud, existe um lugar, uma entidade, uma coisa chamada inconsciente. Para o Prof. Jung, segundo entendi, essa coisa não existe. Ele se move num meio fluido de relativismo, e Freud num meio estatístico de entidades irrelacionadas. Para esclarecer, Freud é **tridimensional**, enquanto Jung e toda a sua psicologia são **quadridimensionais**. Eis por que eu criticaria, caso me fosse permitido, todo o sistema de esquematização do Prof. Jung, pois ele nos apresenta uma visão tridimensional de um sistema que é quadridimensional, a apresentação estática de alguma coisa que é fundamentalmente dinâmica. E, a menos que isso seja explicado, acabaremos confundindo tudo com a terminologia freudiana, sem entendermos mais nada. Eu insistiria num uso mais claro das palavras.

Prof. Jung

Eu preferiria que o Dr. Grahan Howe não fosse tão indiscreto. O senhor está com a razão, mas não deveria dizer essas coisas. Como já disse, tentei começar com as proposições menores, aí o senhor botou a sua colher, falando em "quatro dimensões" e em "místico", afirmando que todos teríamos um longo tempo de reação diante desses estímulos. O senhor está certo, seríamos todos fulminados, porque nesse campo somos todos apenas principiantes. Concordo ser muito difícil fazer da psicologia uma coisa viva, sem dissolvê-la em elementos estáticos. Evidentemente é preciso exprimir-se em termos de quarta dimensão, quando se introduz o fator

tempo num sistema tridimensional. Quando se fala em dinâmica e em processos, o fator tempo mostra a sua importância e aí a gente provoca todo o preconceito do mundo, só porque usou a palavra quadridimensional. Esse é um tabu que não deve ser tocado. A História existe e devemos ser bastante cuidadosos com as palavras. Quanto mais se avança na compreensão da psique, tanto mais cuidado se deve ter com a terminologia porque ela é historicamente cunhada e preconcebida. Quanto mais se penetra nos problemas básicos da psicologia, tanto mais se aproxima de idéias religiosas filosóficas e moralmente preconcebidas. Conseqüentemente, tais coisas devem ser consideradas da maneira mais cuidadosa.

Dr. Howe

Esse público gostaria que o senhor fosse provocativo. Vou dar uma opinião à quemar-roupa. O senhor e eu não consideramos a forma do ego como uma linha reta; estaríamos preparados para conceber a esfera como a verdadeira forma do self, em quatro dimensões, das quais uma é o esboço tridimensional. Caso seja isso, responda, por favor, a seguinte pergunta: "*Qual o sentido desse self, que, em quatro dimensões, é uma esfera móvel?*" Creio que a resposta seja a seguinte: "*O próprio universo inclui o seu conceito do inconsciente racial e coletivo.*"

Prof. Jung

Agredeceria muito se a pergunta fosse repetida.

Dr. Howe

Qual a extensão dessa esfera, que é o self quadridimensional? Não posso impedir-me de responder afirmando ser ela tão grande quanto o Universo.

Prof. Jung

Trata-se realmente de um problema filosófico e a sua conclusão requer um bom domínio de teoria do conhecimento. O mundo é aquilo que imaginamos. Só uma pessoa infantil julgaria que o mundo é realmente aquilo que pensamos. A imagem do mundo é uma projeção do mundo do self, assim como este é uma introjeção do Mundo. Mas apenas a mente de um filósofo caminharia além da imagem comum, em que existem coisas estáticas e isoladas. Se fôssemos além de tais imagens, causaríamos um terremoto na mente comum, o cosmo inteiro seria abalado, transformando as mais sagradas convicções e esperanças. E não vejo por que haveríamos de produzir tais inquietações. Não é bom nem para os pacientes nem para os médicos; talvez seja bom para os filósofos.

Dr. Ian Suttie

Gostaria de retomar o ponto levantado pelo Dr. Strauss. Compreendo o que ele queria dizer e creio também que entendo o ponto de vista do Prof. Jung. Pelo que estou vendo o Prof. não consegue ligar as suas idéias às do Dr. Strauss, que desejava saber como o teste de associação de palavras pode mostrar o inconsciente freudiano, o material que é realmente despejado para fora da mente. Até onde consigo entender o Prof. Jung sua idéia coincide com a concepção freudiana do Id. Creio que devemos definir bem nossas idéias a fim de compará-las, e não simplesmente tomá-las segundo as interpretações da nossa própria escola.

Prof. Jung

Devo repetir mais uma vez que meus métodos não descobrem **teorias**, mas sim **fatos**, e digo aos senhores que fatos eu os descobri através desses métodos. Não posso descobrir um complexo de castração ou um incesto reprimido, ou qualquer coisa semelhante - descubro somente **fatos psicológicos**, não teorias. Creio que os senhores confundem muito teoria com fato, ficando talvez desapontados que a experiência não revele um complexo de castração ou qualquer coisa do mesmo tipo. Mas esse complexo é uma teoria. O que se descobre no método

das associações são fatos definidos, que não conhecíamos anteriormente e que também eram ignorados pelo paciente sob esse ângulo particular. Não digo que não o conhecesse de outra forma; no trabalho você conhece muita coisa que ignora em sua casa, e em casa conhece outras tantas que o trabalho não revela. E todas as outras coisas entram nesse fenômeno. É o que chamaríamos de inconsciente. Não posso penetrar no inconsciente de maneira **empírica** e depois descobrir a **teoria** do que Freud chamaria complexo de castração. Esse complexo é uma idéia mitológica, mas não é descoberto como tal. Na verdade o que encontramos são certos fatos agrupados de maneira especial e os reconhecemos, dando-lhes nomes, de acordo com paralelos mitológicos ou históricos. Não se pode descobrir um motivo mitológico, pode-se unicamente descobrir um motivo pessoal e isso nunca aparece sob a forma de teoria, mas sim como um fato pulsante da vida humana. Pode-se abstrair uma teoria a partir do fato, seja freudiano, adleriano ou outro. Pode-se pensar o que se quiser sobre os fatos do mundo, e haverá no final tantas teorias quantas forem as cabeças pensantes.

Dr. Suttie

Protesto! Não estou interessado nessa ou naquela teoria, ou em que fatos sejam descobertos ou não, mas estou interessado em **achar** um meio de comunicação através do qual um possa saber o que o outro esteja pensando, e para isso mantendo minha opinião de que nossas concepções sejam definidas. Precisamos entender o que o outro entende por uma determinada coisa, como, por exemplo, o inconsciente de Freud. E quanto a essa palavra, ela vem aos poucos se tornando conhecida de todos, tendo, portanto, um certo valor social ou ilustrativo. Mas Jung recusa-se a atribuir à palavra inconsciente o mesmo valor que Freud lhe atribuiu, e prefere usá-la de tal forma que só podemos entendê-la no sentido do **Id**, segundo Freud.

Prof. Jung

A palavra inconsciente não é invenção freudiana. Bem antes já era conhecida na filosofia alemã, por Kant, Leibniz e outros e cada um tem uma definição própria para o termo. Estou perfeitamente acordado para o fato de existirem muitas concepções diferentes do inconsciente, e o que eu estava humildemente tentando fazer era expressar o que entendo por essa palavra, pressupondo que todos aqui conhecem o que Freud considera a esse respeito. Não quero menosprezar a importância de Kant, Leibniz, von Hartman ou de qualquer outro homem, incluindo Freud, Adler, etc., etc. Estava apenas expondo o que eu entendo por inconsciente. Não pensei que fosse minha missão explicar os fatos de tal modo, a fim de perturbar um freudiano em suas convicções. Não tenho a mínima tendência de destruir crenças ou pontos de vista. Apenas demonstro as minhas próprias convicções, e se alguém acreditar que o que digo é razoável, dar-me-ei por satisfeito. Para mim, numa acepção geral, é totalmente indiferente o que alguém venha a pensar sobre o inconsciente. Caso contrário, eu teria começado com uma longa dissertação sobre esse conceito segundo Kant, Leibniz, von Hartman, etc.

Dr. Suttie

O Dr. Strauss perguntou qual a relação entre o inconsciente concebido pelo senhor e por Freud. É possível estabelecer entre eles uma relação precisa e definida?

Prof. Jung

O Dr. Graham Howe já respondeu a essa pergunta. Freud vê os processos mentais como fatores estáticos, enquanto eu penso em dinâmica e relacionamento. Para mim tudo é relativo. Não há nada definitivamente inconsciente. Podem-se ter as mais diferentes idéias quanto ao fato de uma coisa ser desconhecida num aspecto e conhecida noutro. Abro uma única exceção à base mitológica, que é profundamente inconsciente, como posso provar através de fatos.

Dr. Strauss

Evidentemente há uma grande diferença entre usar o seu teste de associações como detector de mentiras, em relação a crimes, e para descobrir, digamos, uma culpa inconsciente. O criminoso que se encontra sob inquérito está consciente de sua culpa e também do medo de que a falta venha a ser descoberta. O neurótico desconhece a culpa e não sabe que tem medo de ser punido. Pode a mesma técnica ser usada em casos tão diferentes?

O Presidente

A mulher, cujo caso abordamos, não tinha consciência de sua culpa, embora tivesse permitido que a criança chupasse a esponja.

Prof. Jung

Mostrarei experimentalmente a diferença. A figura 7 é um gráfico das respirações durante um teste. Há quatro séries de sete respirações. Registrados logo depois das palavras estímulos - os diagramas representam condensações de respirações depois de estímulos indiferentes e críticos

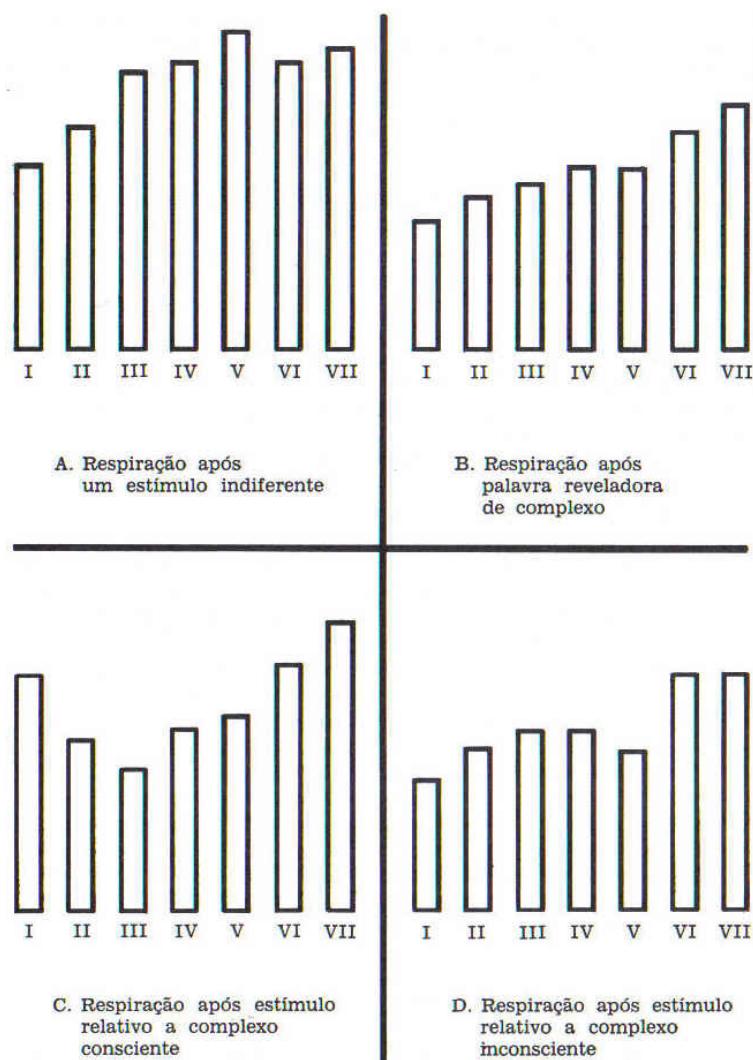


Fig. 7 — Teste de Associação: Respiração
num grande número de pessoas.

A apresenta respirações depois de estímulos indiferentes. As primeiras inspirações depois de proferidas as palavras são contraídas, restritas, enquanto que as seguintes, já alcançaram a normalidade.

Em B, onde o estímulo era bem crítico, o volume da respiração é mais restrito, sendo que às vezes atinge até a metade de seu tamanho normal.

Em C, temos o comportamento da respiração depois de uma palavra que atingia um complexo que era consciente para a pessoa testada. A primeira inspiração é quase normal, e apenas mais tarde surge uma certa restrição.

Em D, a respiração se dá depois de um estímulo relacionado a um complexo do qual a pessoa estava inconsciente. Neste caso a primeira inspiração é acentuadamente pequena, e as seguintes encontram-se um pouco abaixo do normal.

Os presentes diagramas ilustram muito bem as diferenças de reações entre os complexos conscientes e os inconscientes. Em C, por exemplo, o complexo é consciente. A palavra estímulo atinge a pessoa causando uma inspiração profunda. Mas quando atinge um complexo inconsciente o volume da respiração é restrito, como pode ver em D, I. Há um espasmo do tórax, quase não havendo respiração. Dessa forma prova-se empiricamente a diferença fisiológica entre uma reação consciente e outra inconsciente.

Dr. Wilfred R. Bion

O senhor estabeleceu uma analogia entre formas arcaicas do corpo e formas arcaicas da mente. É simplesmente uma analogia, ou existe um relacionamento mais profundo? Na palestra de ontem foi dita uma coisa que nos leva a crer que o senhor admite a relação entre mente e

cérebro, e há pouco tempo foi publicado no *British Medical Journal* um diagnóstico seu, de um sonho provocado por desordem física.³³ Se o tal caso foi corretamente narrado, ele apresenta uma sugestão muito importante e fiquei imaginando se o senhor não acredita haver uma conexão mais íntima entre as duas formas de sobrevivência arcaica.

Prof. Jung

O senhor voltou novamente ao problema do paralelo psicofísico, ponto extremamente controvertido, sem resposta, pois está fora do conhecimento humano. Como tentei explicar ontem, as duas coisas acontecem juntas, de maneira peculiar, e são, creio eu, dois aspectos diferentes somente para a nossa inteligência, e não na realidade. Nós as concebemos como duas formas devido a nossa total incapacidade de concebê-las juntas. Devido a essa possível unidade, podemos esperar sonhos que tendam mais para o lado psicológico, enquanto outros refletem mais o psíquico. O sonho ao qual foi feita referência é uma representação muito clara de desordem orgânica. Tais "representações orgânicas" são extremamente familiares à literatura antiga e à Idade Média, onde os médicos se valiam dos sonhos para os seus diagnósticos. Não realizei nenhum exame fisiológico do paciente que tivera esse sonho. Apenas me foi contada a sua história e o sonho, a partir dos quais formei minha opinião. Já tive outros casos, como por exemplo, a atrofia muscular muito duvidosa de uma garotinha. Pedi-lhe que contasse seus sonhos, e ela contou-me dois, muito coloridos. Um colega que conhecia um pouco de psicologia julgou ser um caso de histeria. Havia realmente sintomas de histeria e não sabíamos se havia atrofia muscular progressiva ou não. Mas os sonhos sugeriram-me que se tratava de problema de ordem orgânica e mais tarde o meu diagnóstico foi confirmado. Os sonhos referiam-se definitivamente à condição orgânica. Segundo minha idéia da comunhão da psique com o corpo vivo, as coisas só poderiam ser assim, e seria uma maravilha se a vida não se desse sob essa forma.

Dr. Bion

O senhor voltará novamente ao assunto quando tratar dos sonhos?

Prof. Jung

Creio que não será possível abordar esse detalhe; é excessivamente particular. Trata-se, na verdade, de um caso de experiência pessoal e a sua apresentação constituiria um problema difícil. Não seria possível descrever o critério em que me baseio ao julgar um sonho desses. O caso mencionado pelo senhor foi o do pequeno mastodonte. Explicar o que o mastodonte significa de orgânico e por que devo tomar tal sonho como sintoma fisiológico desencadearia uma tal polêmica e os senhores acabariam por me acusar de obscurantismo. Tais coisas são realmente obscuras, e eu teria de falar da mente básica, que pensa por meio de padrões arquetípicos. Quando falo de tais padrões, aqueles que têm consciência deles entendem, mas os outros podem acabar pensando assim: "*Esse sujeito é completamente louco, pois se preocupa com diferenças entre mastodontes, cobras e cavalos*". Eu deveria dar-lhes um curso de aproximadamente quatro semestres sobre simbologia para que os senhores conseguissem seguir o que eu digo.

Eis o maior problema: há uma enorme distância entre o que é realmente conhecido sobre esses fatos e o que elaborei durante todos esses anos. Se eu fosse falar em assuntos semelhantes, mesmo diante de um grupo de médicos, deveria referir-me às particularidades do *niveau mental*, para citar Janet, ou poderia igualmente falar em chinês. Por exemplo, eu diria

³³ Cf. T. M. Davie "Comments upon a case of "Periventricular Epilepsy" *British Medical Journal*", n. 3893, 17 de agosto de 1935, pp. 293 a 297. O sonho de um cliente de Davie é o seguinte: "Alguém a meu lado pedia qualquer coisa para engraxar uma máquina. E me sugerem que leite é o melhor para isso. Eu acreditava que, aparentemente, iodo seria o preferível. então uma lagoa foi dragada e na lama havia dois animais mortos. Um deles era um pequeno mastodonte, sendo que não me recordo mais do outro." Comentário de Davie: "Pensei que seria interessante submeter esse sono à análise de Jung e ver qual seria a sua interpretação. E ele não hesitou em afirmar que o sonho indicava uma perturbação de ordem orgânica, que a doença não era primariamente psicológica, embora existam inúmeros derivativos psicológicos no sonho. Interpretou a dragagem da lagoa como sendo o bloqueamento do fluido, ou da corrente cérebro-espinhal."

que o *abaissement du niveau mental* mergulha em certos casos, à altura da *manipura chakra*³⁴, quer dizer, ao nível do umbigo. Nós, os europeus, não somos as únicas criaturas do mundo. Somos apenas uma península da Ásia, e naquele continente há velhas civilizações, onde as pessoas treinaram suas mentes em psicologia introspectiva durante milhares de anos, enquanto nós começamos com a nossa psicologia não ontem, mas hoje de manhã. Tive que estudar coisas orientais para entender certos fatos do inconsciente. Tive que voltar atrás para entender o simbolismo oriental. Estou para publicar um pequeno livro sobre um único motivo simbólico³⁵, que os senhores julgarão ser de arrepiajar os cabelos. Tive que estudar não só literatura chinesa e hindu, como também literatura sânscrita e manuscritos latinos de origem desconhecida até mesmo de especialistas e as referências acabam remetendo o leitor ao Museu Britânico para o contato com as fontes. Só quando se está de posse de tal armazenamento de paralelos, pode-se começar a fazer diagnósticos, afirmando que este sonho é orgânico, enquanto que um outro não o é. Até que não se adquiram tais conhecimentos, continuarei não passando de um feiticeiro. Quando ouvem o que digo, costumam dizer: é passe de mágica. Também se pensava assim na Idade média e se perguntava: Como se pode afirmar que Júpiter tem satélites? Se a gente responder que é pelo telescópio, o que representará isso para um público medieval?

Não quero me superestimar por isso; fico sempre perplexo quando meus colegas perguntam: Como você estabelece um diagnóstico desses ou chega a tal conclusão? Respondo normalmente: "*Explico, se você me permitir dizer o que você deve fazer a fim de entendê-lo*". Eu próprio passei pela mesma coisa quando o famoso Einstein era professor em Zurique. Eu o via sempre, e era quando ele estava começando a trabalhar na teoria da relatividade. Ele ia com freqüência à minha casa e perguntei-lhe sobre a teoria. Não tenho inclinação para matemática, então os senhores podem imaginar toda a dificuldade que o pobre homem teve para me explicar o seu pensamento. Não sabia como fazê-lo e eu sentia-me ao nível do assoalho, terrivelmente pequeno de vê-lo tão atrapalhado. Mas um dia ele me perguntou qualquer coisa sobre psicologia. Aí tirei a minha desforra.

O conhecimento específico é uma enorme desvantagem. Leva-nos tão longe que acaba sendo impossível explicar qualquer coisa. Os senhores têm de permitir que eu lhes fale de coisas elementares, e se essas coisas simples forem aceitas, então surgirá a compreensão de por que cheguei a tais e tais conclusões. Sinto muito termos tão pouco tempo e assim não poder falar-lhes de quase nada. Quando tratarmos dos sonhos vou ter de entregar-me todo, arriscando-me a que vocês me tomem por um idiota completo, pois não consigo colocar-lhes toda a evidência histórica que dirigi a minha consciência. Sempre de novo deveria estar citando a literatura chinesa e hindu, textos medievais e todas as coisas que lhes são desconhecidas. Como seria possível? Trabalho com especialistas em todos os campos do conhecimento e eles me auxiliam. Trabalhei com um velho amigo, Professor Wilhelm, sinólogo. Traduziu-me um texto taoísta e pediu-me para comentá-lo, o que fiz sob o ponto de vista psicológico.³⁶ Para um sinólogo, sou uma novidade espantosa, mas o que eles têm a dizer também é novo para nós. Os filósofos chineses não eram bobos. Imaginamos que os mais velhos o fossem, mas eles eram tão inteligentes quanto a gente. Eram assustadoramente inteligentes, e a psicologia pode aprender infinitamente com as velhas civilizações, especialmente na Índia e na China. Um antigo professor da Sociedade Britânica de Antropologia perguntou-me: "É possível conceber que um povo tão sensível e inteligente como o chinês não tenha ciência?" Respondi: "Eles têm sua ciência, apenas que não é compreendida. Não se baseia no princípio da causalidade. E afinal de contas esse princípio não é o único; ele é apenas relativo".

Pode-se pensar: "Mas que idiota, dizer que a causalidade é apenas relativa!" Basta dar uma olhada na física moderna! O Oriente baseia seu pensamento e sua avaliação de fatos noutro princípio para o qual não temos nenhuma palavra. E a palavra do oriental sobre esse assunto escapa à nossa compreensão. A palavra do Oriente é *Tao*. Meu amigo, McDougall³⁷ tem um aluno

³⁴ Cf. "The Realities of Practical Psychotherapy" (C.W., vol. 16, 2nd edn) pars. 558ss.

³⁵ O motivo do Mandala, numa conferência: *Traumsymbole des Individuationsprozesses*, proferidas algumas semanas antes do Eranos Tagung e publicada no ano seguinte no *Eranos-Jahrbuch* 1935; na tradução inglesa encontramo-lo sob o seguinte título: "Dream Symbols of the Process of Individuation", in *The Integration of the Personality*, 1939, e mais tarde revisto como a segunda parte de *Psychology and Alchemy*, 1944 (C.W., vol. 12).

³⁶ The Secret of the Golden Flower. O texto chinês foi traduzido por Richard Wilhelm. O comentário de Jung está contido em *Alchemical Studies*, in C.W., vol. 13.

³⁷ William McDougall (1871 - 1938), psiquiatra americano. Ver de autoria de Jung "On the Psychogenesis of Schizophrenia" in C.W., vol. 3, par. 504 e "The Therapeutic Value of Abreaction" in C.W., vol. 16, par. 255.

chinês e perguntou-lhe: "*O que é Tao?*" Atitude tipicamente ocidental. O chinês explicou-lhe o que era, e o professor replicou: "*Ainda não entendi*". Aí o aluno foi até a sacada e perguntou: "*O que o senhor está vendendo?*" - "*Uma rua, casas, gente andando, bondes, movimento*". "*O que mais?*" - "*Árvores*". "*O que mais?*". "*Mais à frente há uma colina*". "*E o que mais?*". "*O vento está soprando*". O chinês abriu os braços e disse: "*Isso é Tao*".

Então os senhores vêm. Tao pode ser tudo. Uso uma outra palavra para designá-lo, mas ela é muito pobre. Chamo-a sincronicidade. A mente oriental quando considera um conjunto de coisas, aceita-o como ele é, mas o ocidental divide-o em pequenas porções, em entidades separadas. Vemos, por exemplo, esta reunião de pessoas, e pensamos: "*De onde elas vêm? Por que elas estão juntas?*" O oriental não tem o mínimo interesse por essas coisas. Ele se interroga: "*O que significa o fato dessas pessoas estarem juntas?*", problema que nem ocorre à mente ocidental; o homem do Ocidente está interessado em estar junto.

É mais ou menos assim: a gente está na praia e as ondas trazem um chapéu velho, um sapato, uma caixa, um peixe morto, que ficam ali na areia. Olhamos e dizemos: "*Acaso. Mera bobagem*". O chinês se pergunta: "*O que significam todas essas coisas juntas?*" A mente oriental trabalha com este estar junto e chegar junto, no mesmo instante; tem um método experimental desconhecido no Ocidente, mas que desempenha um grande papel na filosofia oriental; ele permite antever as possibilidades, e ainda se encontra em uso, pelo governo do Japão nas situações políticas. Foi usado, por exemplo, na Grande Guerra; sua formulação data de 1143 a.C.³⁸

³⁸ The I Ching or Book of Changes. trad. Willhelm/Baynes, 3^a ed., introdução, p. VIII